

Aperto continua até inflação cair, diz Zélia

EGBERTO NOGUEIRA/ANGULAR



Zélia pediu a Amato o apoio dos empresários às medidas que o Governo vem adotando contra a inflação

São Paulo — Em sua primeira visita à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, deixou um recado curto e direto aos empresários paulistas: as políticas monetária e cambial somente mudam quando a inflação baixar. A ministra, atendendo a um convite do presidente da Fiesp, Mário Amato, formulado há três meses pela primeira vez e reforçado recentemente, chegou à sede da entidade às 15h10, falou durante 45 minutos e depois respondeu a oito perguntas previamente elaboradas. No total, Zélia concedeu pouco mais do que uma hora para os 200 empresários que foram ouvi-la, mas conseguiu convencê-los de que os custos para o controle definitivo da inflação são altos e que a única reação possível é a adaptação às novas regras.

A ministra falou sobre as dificuldades do Governo em combater a inflação. Os empresários ouviram calados. Depois foi a vez deles falarem, por meio de um porta-voz, Walter Saccá, diretor do Departamento de Economia da Fiesp. Ele leu as perguntas selecionadas, o que não impediu que, depois, outro empresário lesse mais uma dezena de perguntas. "Nós estabelecemos que as perguntas deveriam ser sobre temas globais e não sobre casos específicos", esclareceu Saccá. A ministra ouviu as reclamações dos empresários sobre as altas taxas de juros que são, segundo eles, responsáveis pelo aumento do número de concordatas.

Zélia Cardoso não deu nenhuma esperança de que a situação vai mudar. "A ministra disse que essa política vai continuar e ela acha que e as concordatas fazem parte do preço a pagar para pôr o País em ordem", resumiu Saccá. Alguns empresários saíram antes do final dos debates com a ministra e, pedindo anonimato, manifestavam uma certa decepção porque "a ministra não

disse nada de novo", conforme disseram deles.

PREÇOS

A ministra Zélia não queria falar com a imprensa depois da reunião, feita a portas fechadas. Os assessores da ministra abriram caminho entre os jornalistas que a esperavam no hall do 15º andar do prédio da Fiesp, na avenida Paulista, o centro financeiro de São Paulo. Zélia respondeu apenas uma pergunta e entrou no elevador. Na confusão, por pouco o presidente da Fiesp não ficou do lado de fora. "Espera o dr. Mário", apressou-se Zélia em transmitir a ordem para o censorista. O CORREIO BRAZILIENSE acompanhou a despedida de Zélia, momento em que Mário Amato deu uma demonstração de cavalheirismo ao beijar a mão direita da ministra.

Antes os dois falaram sobre a necessidade de baixar os preços; Zélia disse que o Governo espera a colaboração dos empresários na guerra que vem travando contra a inflação. Esclareceu ser possível essa cooperação a partir da redução dos preços. "O Governo espera que eles baixem os preços", afirmou Zélia ressaltando que, durante a reunião, não pediu "esse compromisso" aos empresários.

Mário Amato, por sua vez, completou dizendo: "Nós fizemos todo o possível para ocorrer isso". Ressaltou, porém, que só baixar os preços não basta. "Nós precisamos aumentar a produtividade e o pacto é que pode contribuir para isso". A ministra Zélia mostrou-se confiante no resultado do pacto, embora diga não saber ainda se a Central Única dos Trabalhadores vai participar efetivamente do entendimento entre Governo, empresários e trabalhadores para reduzir a inflação. "Espero que sim", respondeu laconicamente a ministra ao ser perguntada se a CUT integrará as negociações.